

## O TEXTO CIENTÍFICO E SUAS PRÁTICAS DISCURSIVAS NA UNIVERSIDADE: DIFICULDADES E POSSIBILIDADES

DORSA Arlinda Cantero<sup>1</sup>  
UCDB-MS

**RESUMO-** Este artigo objetiva analisar o papel da comunidade científica assim como do texto de divulgação científica em suas diferentes práticas discursivas. Alguns questionamentos são necessários e tem servido de base para reflexões de pesquisadores tais como: Por que os textos científicos se diferenciam entre si ou tem semelhanças? A discussão é feita a partir de um espaço específico da universidade- mestrado acadêmico e pode-se dizer que muitos dos textos elaborados rompem com requisitos relativos à textualidade e essa ruptura tem como causa motivadora o desconhecimento dos requisitos textuais e formais.

**PALAVRAS-CHAVE** - Texto científico. Gêneros textuais. Pluralidades discursivas.

**ABSTRACT** – This article has the objective of analyzing the role of the scientific community such as of the scientific divulgation text in its different discursive practices. Some questions are necessary and they have been served as foundation for researchers' reflections such as: Why do the scientific texts differ among themselves or have similarities? The discussion is done from a specific space of the university – academic master course and it can be said that many of the elaborated texts break with the relative requirements related to the textuality and this rupture has the motivating cause the ignorance of the textual and formal requisites.

**Key-Words** – Scientific Text, Textual Genders, Discursive Pluralities

### 1. Introdução

O interesse principal deste trabalho é analisar a comunidade científica assim como o texto de divulgação científica em suas diferentes práticas discursivas, há porém nesse contexto, a necessidade inicialmente de se trazer à discussão o pensamento de Koch (2002) ao postular o conceito de texto.

Para a autora, além de ser observado como forma de cognição social que permite ao homem organizar cognitivamente o mundo, o texto é um excelente meio de produção, de transmissão, de intercomunicação e de preservação do saber.

Assegura Travaglia (1997) que o texto pode ser entendido como uma unidade linguística concreta que é tomada pelos usuários da língua, seja ele falante, ouvinte ou leitor em uma situação de interação comunicativa específica.

As considerações aqui apresentadas se apoiam em ensino e pesquisa relacionado a um curso de mestrado na disciplina de Metodologia e Pesquisa e especificamente no trabalho desenvolvido junto aos alunos de produção textual no uso da intertextualidade.

Este artigo está orientado em três momentos: no primeiro trata das comunidades científicas sob a ótica de diferentes vozes discursivas, no segundo momento, discute o texto científico e suas práticas e no terceiro momento, o texto de divulgação científica, responsável por transpor um discurso específico de uma esfera do campo científico para a comunidade em geral.

---

<sup>1</sup> Docente – Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Local Universidade Católica Dom Bosco –MS –contato: [acdorsa@uol.com.br](mailto:acdorsa@uol.com.br)

## 2. A comunidade científica

Desde as primeiras décadas do século XX, alguns autores como Tönnies, (1947), Weber (1979, 1987) e Durkheim (1895, 2002), a partir de diferentes perspectivas teóricas, desenvolveram o conceito sociológico de comunidade e é nesse contexto que se relacionam as comunidades científicas.

Ao articular ideologicamente o pensamento liberal da década de 30, o conceito de comunidade científica busca não só, a desvinculação da ciência de influências externas como apóia uma posição ideológica de liberdade da ciência.

Ainda com relação às primeiras décadas do século XX, essa concepção de liberdade é defendida por Polanyi (1951) que aponta a comunidade científica como um agrupamento de cientistas provindos de diferentes áreas disciplinares e que ao dirigir as suas atividades investigativas exerce profunda influência na investigação individual. Transcende nessa atitude a concepção já citada anteriormente, da liberdade científica assegurada pela sua própria autoridade e isenta de qualquer interferência religiosa, política.

A partir da década de 1960, houve um redirecionamento dos esforços dos estudiosos da área da ciência (principalmente nos EUA), para trabalhos empíricos e também teóricos em razão da base ideológica já estar estabelecida e assimilada, sendo assim, alguns estudos fora da sociologia começam a ganhar corpus.

Nesse contexto, Kuhn (1995) coloca em discussão a questão organizacional dos cientistas em comunidades e ao desenvolver o conceito comunidade científica, como intrinsecamente comunitária, objetivava pensá-la como uma atividade coletiva e para sua constituição e legitimação era necessária a criação de um espaço único e adequado que servisse como fonte de estímulos necessários para a resolução de um determinado problema.

De acordo com o pensamento do autor, a importância intrínseca exercida pelos membros da comunidade científica é a de ser “autorizado” em nome da comunidade a desenvolver suas atividades profissionais por estar em um espaço adequado em que todos além de receberem a mesma iniciação científica procuram falar a “mesma língua”.

Segundo o autor, a comunidade científica é como:

um grupo de praticantes de uma especialidade científica que se encontram unidos por elementos comuns que foram incorporados através da iniciação científica. É no ambiente oferecido pela comunidade científica, que os cientistas vêm-se a si mesmos e são vistos pelos outros como os responsáveis pela resolução de um conjunto de problemas. (KUHN, 1974, p. 356)

Ao falar das comunidades científicas no Brasil, na Argentina ou em Portugal, Lovisolo (1997) volta-se para o campo da universidade, pois na concepção do autor, é ali o lugar dominante de formação dos investigadores e pesquisadores na maioria dos países. Sendo assim, o desenvolvimento da comunidade científica implica condições de dependência (econômicas, políticas, educativas e culturais) e de atores externos (elites políticas, militares, religiosas e empresariais fundamentalmente).

Para Lovisolo (1997), hoje no Brasil mais de 80% da investigação é desenvolvida nos centros de investigação das universidades, habitualmente vinculados a programas de formação de pós-graduação (mestrados e doutorados). De acordo com o pensamento do autor:

Assim, pensar a formação da comunidade científica implica pensar a dinâmica das universidades. A SBPC, criada em meados da década de 1940, tornar-se-ia a grande voz política de representação dos cientistas, de divulgação e valorização da ciência, além de um mediador poderoso da comunidade científica com os organismos nacionais de regulação e fomento da atividade científica. (LOVISOLO, 1997, p.4 )

## 2. O texto científico e suas práticas discursivas

Conceituar a palavra texto é uma tarefa complexa por ser definida a partir de vários pontos de vista e em diferentes áreas de conhecimento, segundo autores diversos que ao longo das décadas tem assumido em relação à palavra, posturas específicas, seja: como discurso, como enunciado, opondo-se ao discurso, como produção de sentido ou mesmo como concatenação de frases.

Como discurso “etimologicamente significa idéia de curso, de movimento, palavra em movimento, prática de linguagem, constituindo o homem e sua história, mediadora entre o homem e a realidade que o envolve.” (MAINGUENEAU, 1997, p34)

Como enunciado, Hjelmslev (1975, p.41) o conceitua como qualquer tipo de enunciado analisável, seja um simples monossílabo, seja todo o material lingüístico de uma comunidade.”, já para Guimarães (2006. p.62), o texto é visto como um enunciado qualquer, oral ou escrito, longo ou breve, antigo ou moderno que se concretiza, pois, “numa cadeia sintagmática de extensão muito variável, podendo circunscrever-se tanto a um enunciado único ou a uma lexia, quanto a um segmento de grandes proporções”.

A revolução e evolução do conhecimento necessitam e exigem, permanentemente, formas de representação notoriamente novas e eficientes segundo Koch (2002, p.157), é nesse prisma que o texto como “forma de cognição social, permite ao homem organizar cognitivamente o mundo como excelentes meios de intercomunicação, bem como de produção, preservação e transmissão do saber”.

Alargam a conceituação textual Todorov e Ducrot (1977, p. 282), quando afirmam que o texto pode coincidir com uma frase ou com um livro inteiro pois:

ele se define por sua autonomia e por seu fechamento (mesmo se, num outro sentido, certos textos não sejam ‘fechados’). Ele constitui um sistema que não se deve identificar com o sistema lingüístico, mas pôr em relação com ele: relação ao mesmo tempo de contigüidade e de semelhança.

A partir de vários estudos já existentes, Silveira (1991, p.1) caracteriza o texto científico como o “discurso do saber” compreendendo na concepção da autora dois discursos produzidos em momentos diferenciados, conforme palavras da autora:

O discurso da descoberta é do tipo narrativo, produzido solitariamente pelo cientista na busca da resolução de um enigma, a fim de tomar posse do "saber"; o discurso da manifestação é social, produzido para tornar conhecida à comunidade científica, a descoberta realizada pelo cientista, transmitindo, assim, o "saber" adquirido.

:

Para a autora, outras diferenciações precisam ser consideradas ao se distinguir o discurso científico como primário, definido por ser um discurso envolvido, ou seja, o discurso da descoberta do pesquisador e o discurso secundário definido pelo discurso referente à descobertas realizadas pelos cientistas e que precisa ser manifestado como uma “nova forma de saber”.

Ao abordar nesse artigo o texto científico ou acadêmico, percebe-se que tanto as escolhas do objeto de pesquisa como também as práticas discursivas dependem das “relações entre participantes e do posicionamento do escritor, que é em parte influenciado por práticas sociais de sua área disciplinar” segundo Araújo (2006, p.5), que conclui afirmando:

Assim, na escrita acadêmica, as escolhas e práticas discursivas são socialmente definidas pela comunidade discursiva, que detém conhecimento especializado para estruturar e comunicar um gênero acadêmico e para reconhecer e legitimar tais usos por seus pares. O uso de tais formas ajuda a revelar para o leitor a atitude do escritor, o aparente compromisso com as informações apresentadas e o grau de envolvimento com o leitor, que funcionam como elementos de influência e persuasão no texto. Os sentidos no texto são, dessa forma, socialmente mediados e influenciados pelas comunidades às quais os escritores e leitores pertencem .

Alguns aspectos merecem ser evidenciados quando se fala do texto em uma comunidade científica, dentre eles podem-se citar as normas preestabelecidas acordadas na e pela comunidade, as características textuais necessárias tais como: impessoalidade, objetividade, clareza, precisão, coerência, concisão e simplicidade. Considerados elementos que se inter relacionam, pois também fazem parte da estruturação do discurso acadêmico, a intertextualidade, a interdiscursividade, a autoria e a argumentatividade projetam implícita ou explicitamente a subjetividade da autoria nos diferentes gêneros discursivos acadêmicos.

Corroborando com essa afirmação Guimarães (2001, p. 66) ao sustentar que:

O discurso científico, não só carece das funções argumentativas – uma vez centrado numa tomada de posição – mas também de aceitabilidade por parte da comunidade científica na qual ele está inserido; os métodos e os padrões científicos são mantidos por essa comunidade científica. O público ao qual são endereçadas as publicações científicas não é passivo, visto que estão sob seu controle a matéria e a substância das comunicações que recebe

O uso da argumentatividade como forma de demonstração e validação de teses (idéias) em gêneros textuais é encontrado nos textos acadêmicos, ao elaborarem artigos, monografia, dissertações entre outros, pois a construção textual dos “pressupostos teóricos, procedimentos metodológicos, introdução, resultados das análises, resumo ou *abstract*, índice, sumário, conclusões, revisão da literatura, considerações finais, anexos, referências bibliográficas, fundamentação teórica, objetivos” exigem dos pesquisadores, esta estratégia discursiva. (RANGEL, 2007, p.5)

O discurso acadêmico se caracteriza pela utilização sistemática de estratégias textual discursivas de construção de sentido envolvendo citações e paráfrases em sua constituição, como também pelo usufruto da argumentatividade para a demonstração e validação de teses (idéias) em gêneros textuais que configuram partes distintas dos textos acadêmicos, tais como:

Outro aspecto fundamental que se deve observar na universidade, é considerar o ensino de gêneros textuais acadêmicos como propiciador da formação de alunos leitores e produtores críticos e criativos pois todo trabalho científico seja ele “uma tese, um texto didático, um artigo ou uma simples resenha deve constituir uma totalidade de inteligibilidade, estruturalmente orgânica, deve formar uma unidade com sentido intrínseco e autônomo [...] (SEVERINO, 2000, p.82).

Essa unidade com sentido intrínseco e autônomo só pode se solidificar se a leitura e a escrita forem gradativamente aperfeiçoadas durante a educação universitária para que os alunos possam ter condições de abstração, de ressaltarem as idéias relevantes do que lêem para a posterior produção de gêneros acadêmicos sejam eles projetos, relatórios, resenhas, monografias, artigos ou dissertações de mestrado.

Um dos papéis, portanto, dos professores universitários e pesquisadores das áreas de leitura e produção textual é planejar meios de superação desses problemas, com o objetivo de resolver deficiências de leitura e produção dos estudantes, futuros profissionais.

Reitera esse pensamento Figueiredo e Bonini (2006) quando afirmam que a ponte entre uma visão instrumental da linguagem científica como mero código e uma noção de texto como forma de

interação (que pode ser aceito ou rejeitado pelo(s) interlocutor(es)) é justamente um aprofundamento dos conceitos de ‘discurso’, ‘práticas discursivas’ e ‘comunidade discursiva’.

### 3. O texto de divulgação científica – superando as dificuldades

Considerado um gênero particular discursivo, o texto de divulgação científica é responsável por transpor um discurso específico de uma esfera do campo científico para a comunidade em geral, de acordo com Reis (1964, p 23), “é por meio do texto de divulgação científica que a sociedade entra em contato com as pesquisas que estão sendo realizadas, dos experimentos em andamento”.

De acordo com o autor, a divulgação científica é uma comunicação ao público dos fatos e princípios da ciência no uso de uma linguagem acessível com motivação suficiente para não só “explicitar os princípios científicos, como também os métodos de ação dos cientistas e a evolução das idéias científicas”. (REIS, 1964, p. 353).

De acordo com Authier-Revuz (1998, p. 107), o texto de divulgação científica, doravante denominado TDC, ao favorecer a leitura por um número significativo de leitores, representa não só a associação do discurso científico com o cotidiano como também a disseminação fora da instituição escolar-universitária, dos conhecimentos científicos produzidos e em circulação no interior de uma comunidade restrita.

Para Zamboni, (2001), no entanto, a DC se caracteriza como a formulação de um novo discurso e não uma reformulação. Esse posicionamento é expresso de forma bem enfática:

Distanciando-me do direcionamento do olhar de Jaqueline Authier, que particulariza a natureza de reformulação do discurso da divulgação, defendo para essa modalidade um *modus faciendi* específico de realização, que não se confunde com o funcionamento do discurso do campo científico e no qual a individualidade do enunciador responde por uma ação efetiva de formulação discursiva. (ZAMBONI, 2001, p. 81)

É importante estabelecer que o texto de divulgação científica tem sua origem na junção de dois gêneros: o discursivo que serve como fonte de informação e o jornalístico, responsável pela adaptação dessa informação visando à compreensão leitora.

De acordo com Cavalcante e Torga (2010):

os gêneros discursivos não são apenas um conjunto de propriedades estruturais, uma unidade composicional com características e procedimentos formais, mas também são concomitantemente produtos da atividade humana, refletida a partir de condições específicas e de finalidades tanto temática quanto intuitiva, estilística de cada sujeito social.

Com relação ao discurso jornalístico científico, segundo Campos (2006), o gênero de DC exige socialmente a materialização de uma relação dialógica que pressupõe a posição de *um* que delinea uma realização de linguagem determinada pelo *outro* – o especialista – tendo em vista o não especialista na posição alternativa daquele que tem o lugar destinatário de para *o outro*.

Ao afirmar que nessa modalidade do texto científico, ocorre uma heterogeneidade discursiva, Leibrunder (2000), explica que há a incorporação dos fios discursivos, sendo assim, “no liminar entre uma e outra prática discursiva no espaço do *interdiscurso*, que a atividade de DC se desenvolve.”

Segundo o autor, é considerado elemento chave desse gênero discursivo o diálogo, o contato com o seu exterior discursivo e é nesse espaço discursivo que ocorrem as adequações necessárias para que o discurso científico, doravante denominado DC, atinja o público alvo.

Os espaços discursivos podem ser desde uma revista especializada das específicas áreas da ciência, como também as revistas Super Interessante, Globo Ciência, Nova Escola, Ciência Hoje, Isto é, Veja.

As modalidades de informação científica estão segundo Bueno (1984), classificadas em quatro grandes grupos conforme o quadro abaixo:

Informação científica	Características
<b>Difusão científica</b>	Recurso utilizado para a veiculação de informações científicas e tecnológicas.
<b>Disseminação científica</b>	Transferência de informações científicas e tecnológicas, transcritas em códigos especializados e destinado a um público seletivo de especialistas.
<b>Divulgação científica</b>	Veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público em geral.
<b>Jornalismo científico</b>	Relação existente entre organizações formais (editoras/emissoras), o público receptor e canais de difusão (jornal, revista, rádio, televisão, cinema) assegurando a transmissão de informações de natureza científica e tecnológica em função de interesses e objetivos.

Ao cumprir com o objetivo relacionado ao determinativo jornalístico de disseminar informação, o jornalista usa de estratégias e mecanismos que visam a atrair o leitor e transformar a linguagem científica num produto acessível podendo assim auxiliar no processo de democratização do conhecimento.

Salienta Epsteis (2002, p.98) que a comunicação científica pode ocorrer tanto entre os pares (os próprios cientistas), a chamada comunicação primária ou disseminação, como também entre o público leigo e os cientistas (mediado pelos divulgadores científicos), a comunicação secundária ou divulgação.

É necessário enfatizar que alguns aspectos ligados à linguagem devem ser observados nessa divulgação científica tais como:

Discurso divulgação científica	Discurso Jornalístico	Discurso Científico
	Foco principal: o fato e o público alvo	Foco: o conhecimento e o público específico
	Qualidades textuais: clareza, concisão, correção, coerência e coesão	A escolha lexical, nominalização, e qualidades como a objetividade, concisão e formalidade.
	O uso de recursos extralingüísticos como por exemplo, imagens, estatísticas, tabelas, sínteses ilustrativas	A estrutura formal do texto e o uso de recursos extralingüísticos
	Discurso relatado (direto e indireto)	Discurso relatado (direto e indireto)
	linguagem polissêmica, permitindo o uso de outras funções da linguagem e figuras de retórica	linguagem hermética e linguagem unívoca., excludente para grande parte dos leitores leigos
	A descritividade do fato (uso da partícula se) e verbo na 3ª pessoa do singular. Apagamento do sujeito.	uso dos verbos na 3ª pessoa do singular, acrescidos da partícula se (I.I.S) ou na 1ª pessoa do plural - neutralidade textual, apagamento do sujeito.
	Utilização de juízo de valor (metáforas, advérbios, modalizadores argumentativos)	utilização do argumento da autoridade

Elaboração pessoal

Oliveira (2007) ressalta que há grande diferença entre a finalidade da produção do jornalista e do cientista ao afirmar que enquanto o cientista volta a sua produção para um grupo de leitores específicos e restrito, no uso de uma linguagem nem sempre acessível, rígida na normatização e padronização, o jornalista objetiva atingir o grande público, nesse contexto, pode-se afirmar que o texto de divulgação científica, com uma escrita objetiva e simples é um poderoso instrumento a ser trabalhado nas escolas como uma forma de se incentivar o conhecimento científico, de se despertar nos alunos o gosto “científico”.

#### 4. Os encaixes e percalços na elaboração do texto científico

A possibilidade de trabalhar em conjunto com outra docente, na disciplina Metodologia de Pesquisa, em um curso de Mestrado acadêmico numa universidade privada confessional, tem propiciado a essa pesquisadora desenvolver um trabalho ligado à produção do texto científico em seus diferentes gêneros.

Percebe-se inicialmente que ainda que grande parte dos alunos traga para os bancos da universidade, um acervo de conhecimentos advindos de suas experiências profissionais; como produtores textuais, desconhecem alguns dos requisitos principais de textualidade necessários à elaboração do texto acadêmico alguns por absoluto desconhecimento dessa prática, ainda que sejam docentes, outros por trazerem dificuldades estruturais na sua capacidade leitora, interpretativa e produtora textual.

Contribui sobre esse assunto, Simões (2005, p 3) quando ao falar da importância da leitura na academia reflete que “ seu emprego e ajuste às circunstâncias originais criadas nos textos propiciam o alargamento dos horizontes lingüísticos e culturais do leitor e permitem a recriação da malha textual de que se constitui o pensamento e o conhecimento humanos”.

Sendo assim, entre a incredulidade e a necessidade de agir, e não utilizar o “velho discurso, meus alunos não produzem textos, nunca escreveram um texto científico”, resta a ação didática necessária para que gradativamente haja uma reversão na postura discente.

O trabalho de leitura de textos voltados aos temas trabalhados no mestrado, seguido de técnicas e critérios pode ser considerada a primeira ação necessária seguida de oficinas textuais em que a pesquisa, o resumo, o fichamento, a resenha atuam não só para se trabalhar as informações necessárias ligadas a um texto como também para a formação da prática analítica, contextual e ideológica da linguagem.

Algumas distorções com relação à postura acadêmica, seja nos cursos de graduação ou no mestrado e mesmo doutorado, de acordo com Zamel (2003) trazem à comunidade científica como espaço de circulação e socialização de conhecimentos uma posição comunidade monolítica, imutável, e suas entidades facilmente identificáveis.

Se não houver por parte dos professores envolvidos na ação docente, uma vontade de procurar reverter esse paradigma, cada vez mais haverá dificuldades no avanço docente relativo à produção textual acadêmica. Corrobora esse pensamento Ramires (2007, p. 4) quando afirma que:

Nesse espaço que, na verdade, é dinâmico e plural, seus membros engajam-se na produção de conhecimento e interação social, sobretudo por meio do uso do

discurso, o qual se concretiza na forma dos diferentes gêneros textuais que circulam nessa comunidade. O professor desempenha um papel importante e fundamental nesse meio. Inserido num contexto de ensino e de pesquisa, sua produção textual é responsável por formular a representação de significados, socialmente compartilhados por seus membros, de uma determinada realidade para o conjunto da área em que atua.

Outro trabalho desenvolvido com os alunos na referente disciplina volta-se à construção textual em que a intertextualidade é vista no jogo de olhares entre o texto e seu destinatário sendo que este se comporta como um interlocutor ativo no processo de significação, na medida em que participa do jogo intertextual tanto quanto o autor.

Nesse contexto, enfatiza-se ao acadêmico que a competência em leitura e em produção textual não depende apenas do conhecimento do código lingüístico. Para ler e escrever com proficiência é imprescindível que cada um conheça outros textos e esteja imerso nas relações intertextuais, pois um texto é produto de outro texto, nasce de/em outros textos.

Na concepção de Reyes (1984), todo discurso é a continuação de discursos anteriores explícitos ou implícitos e suscetíveis de serem inseridos em novos discursos, pois a intertextualidade como a intencionalidade comunicativa é o requisito indispensável para o funcionamento discursivo, pensamento esse comungado com Charaudeau e Maingueneau (2004) e Koch (2004). Para os autores, é fundamental estudar a intertextualidade como um dos cinco fatores pragmáticos da textualidade, centrados mais no usuário do que no texto, como uma forma de garantir a construção do sentido textual ao lado da coesão e da coerência (aspectos fundamentalmente centrados na estrutura textual).

O que se procura evidenciar aos alunos é que a utilização da intertextualidade no texto acadêmico exige do produtor não só conhecimento de mundo que deve ser compartilhado entre o ele e o leitor como também implica o reconhecimento das remissões a obras ou textos selecionados assim como uma capacidade interlocutiva para clarear no texto a função da citação ou alusão utilizada.

A remissão a autores de reconhecido saber por meio de citações diretas ou indiretas, quando bem aplicada nos textos acadêmicos garante que a veracidade das afirmações sejam tomadas como ratificações, complementações, oposições na apresentação de uma visão teórica ou para corroborarem determinado ponto de vista.

Uma citação quando bem utilizada é segundo Santos (2004, p.1) a “garantia da legibilidade” pois o intertexto atua na construção textual como fonte de referencia ou ratificação pertinente e válida dentro de uma determinada área.

## **5. Considerações Finais**

No presente trabalho buscou-se apontar e verificar se as reflexões aqui apresentadas perpassam a necessidade de se dirimirem as crenças sobre as dificuldades de se trabalhar o texto científico, qual o real papel da comunidade científica na divulgação de seus trabalhos.

Dentre as possibilidades apresentadas sugere-se que a intertextualidade faz parte do discurso acadêmico e que sua aplicação prática desenvolve a capacidade textual dos alunos.

A amplitude do assunto abre muitas lacunas que gradativamente tem sido pauta de discussão de muitos pesquisadores e abrem várias possibilidades para outras discussões..

## 5. Referencias

- AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Dialogismo e Divulgação Científica*. **Revista Rua**, n. 5, p. 9-15, 1999 [Publicação original: DISCOSS, n. 1, p. 117-122, 1985].
- \_\_\_\_\_. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Tradução: M. Onice Payer (Coord.) et al. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*. Tradução de Celene M. Cruz e João Vanderley Geraldí. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 19, jul./dez. 1990, pp. 25-42.
- ARAÚJO, A. D. *Práticas discursivas em conclusões de teses de doutorado*. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, volume 6, número 3, set./dez. 2006.
- \_\_\_\_\_. *Gêneros textuais acadêmicos: reflexões sobre metodologias de investigação*. **Revista de Letras**, n. 26, v. 1/2, jan/dez. 2004.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BUENO, Wilson. *Jornalismo científico: conceito e funções*. **Ciência e Cultura**. São Paulo, SBPC, vol. 37, n. 9, p. 1420-1427, 1985.
- CAVALCANTE F. U; TORGA, V. L. M. *Como Funciona o Discurso do Gênero Discursivo Divulgação Científica?* Disponível em: [http://cac-  
php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD\\_IISnell/pages/simposios/simposio%2006/COMO%20FUNCIONA%20O%20DISCURSO%20DO%20GENERO%20DISCURSIVO%20DIVULGACAO%20CIENTIFICA.pdf](http://cac-<br/>php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD_IISnell/pages/simposios/simposio%2006/COMO%20FUNCIONA%20O%20DISCURSO%20DO%20GENERO%20DISCURSIVO%20DIVULGACAO%20CIENTIFICA.pdf)
- CAMPOS, Edson Nascimento. *O diálogo do espelho*. In: *O eixo e a roda*. Belo Horizonte, v. 12, p. 301-309, jan/jul. 2006. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/poslit>>. Durkheim, E. *As regras do método sociológico*. São Paulo, Ed. Martin Claret, 2002
- EPSTEIN, Isaac. *Divulgação Científica: 96 verbetes*. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- FIGUEIREDO D. C, BONINI, A. *Práticas discursivas e ensino do texto Acadêmico: concepções de alunos de mestrado sobre a escrita*. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, v. 6, n. 3, p. 413-446, set./dez. 2006. Disponível em: [http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0603/6%20art%204%20\(figueiredo\).pdf](http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0603/6%20art%204%20(figueiredo).pdf)
- GUIMARÃES, Elisa. *Expressão modalizadora no discurso de divulgação científica*. **Revista Educação e Linguagem**. Ano 4 • Nº 5, 65-77, Jan/Dez 2001 Disponível em: [http://editora.metodista.br/textos\\_disponiveis/ed&l5cap1.pdf](http://editora.metodista.br/textos_disponiveis/ed&l5cap1.pdf)

- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- KUHN, Thomas. (1973) *Objetividade, juízo de valor e escolha teórica*. IN: *A Tensão Essencial*. Lisboa, Edições 70, pp. 383-405, 1977.
- \_\_\_\_\_. (1978) *A Estrutura das Revoluções Científica*. São Paulo: Perspectiva.
- \_\_\_\_\_. (1979). *Reflexões sobre os meus críticos*. In: LAKATOS & MUSGRAVE. *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo.
- KOCH, I. V. *A inter-ação pela linguagem*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- LOVISOLO, H. *Comunidades científicas: Condições ou estratégias de mudança*. **Revista Educação & Sociedade**, ano XVIII, nº 59, agosto/97 279. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v18n59/18n59a02.pdf>
- LEIBRUDER, Ana Paula. *O discurso de divulgação científica*. In: BRANDÃO, Helena Nagamine (org.). *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. (trad. de Freda Indursky). Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª ed. 1997.
- OLIVEIRA, Fabíola de. *Jornalismo científico*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- RANGEL, E. F. de. *Uma nova concepção de linguagem a partir do percurso performativo de Austin*. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/elianedefatimamanentirangel.pdf>>. Acesso em 28 dez. 2007.
- RAMIRES Vicentina. *Gêneros textuais e relações de poder na comunidade acadêmica*. **Revista Veredas on line. Atemática**. 1/2007, P. 66-79 – PPG LINGÜÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA - ISSN 1982-2243
- REIS, José. *Ciência e Jornalismo*. *Ciência e Cultura*. fevereiro 1972, p.137 MEDEIROS, Roberto. *Os argumentos da imprensa em fato científico*. In: XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2000, Manaus. INTERCOM: anais do congresso.
- SANTOS Aparecida Cardoso. *A intertextualidade na construção de sentido de textos acadêmicos*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xcnlf/12/04.htm>
- SEVERINO, A . J. *Diretrizes para a elaboração de uma monografia científica*, in: SEVERINO, Antônio Joaquim- *Metodologia do Trabalho Científico*,. 21a. edição revista e ampliada. São Paulo: Cortez, 2000.
- Todorov (1942). *Principios de Sociologia*. México: Fondo de Cultura Económica. [1931].
- TÖNNIES, F. *Comunidad y Sociedad*. Buenos Aires: 1947
- TODOROV, T; DUCROT, O. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

SILVEIRA, R. C. P. *Uma contribuição para o estudo do ensaio avaliativo*. **REVISTA LETRAS** – 002. julho/dezembro, 1991. Disponível em: [http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos\\_r2/revista2\\_5.pdf](http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r2/revista2_5.pdf)  
Acesso em 13 de maio de 2011.

SIMÕES Darcília. *A produção do texto acadêmico*. Palestra proferida no Congresso da Pós-Graduação em Letras da FFP-UERJ 2005. Disponível em:  
<http://www.darciliasimoes.pro.br/textos/docs/textos12.pdf>

ZAMBONI, LÍLIAN MÁRCIA SIMÕES. *Cientistas, jornalistas e divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica*. Campinas: Autores Associados, 2001.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Ed. Atlas, 1979.